

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 34 - Novembro/2022

ISSN 2675-2573



LANÇAMENTO



Revista **1ª EVOLUÇÃO**

Ano III - nº 34 - Novembro de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Eliane Cristina Bulgan Borges
- Elisângela Oliveira Silva
- Giselda Trindade da Silva
- Lucicleide Pereira dos Santos
- Luís Venâncio
- Manuel Francisco da Silva e
- Estanislau de Sá Bartolomeu
- Marilene Pereira da Silva
- Monica Nunes
- Tatiane Pavão Ongaro Borges
- Patrícia Herminio da Silva
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Vera Lucia Meneses de Lima Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antônio Raimundo Pereira Medrado. - ano 3, n. 34 (nov. 2022). – São Paulo, SP: Edições Livro Alternativo, 2022.
92 p.

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.34

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antônio Raimundo Pereira.

CDD 370.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.34>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Denise Mak

Isac dos Santos Pereira

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva

Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira

Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



www.primeiraevolucao.com.br

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

Produzida com utilização de softwares livres

FSF FREE SOFTWARE FOUNDATION



LibreOffice



OPEN JOURNAL SYSTEMS

Filiada à:



Platform & workflow by OJS / PKP



Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

COLUNA

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

1. MÉTODO MONTESSORI: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA DO SEU APRENDIZADO	11
Eliane Cristina Bulgan Borges	
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DA CRIANÇA	17
Elisângela Oliveira Silva	
3. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS MATEMÁTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I	25
Giselda Trindade da Silva	
4. O AUTISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR	31
Lucicleide Pereira dos Santos	
5. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE O PROFESSOR/ALUNOS E OUTROS ACTORES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	37
Luís Venâncio	
6. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA	43
Manuel Francisco da Silva e Estanislau de Sá Bartolomeu	
7. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA ALFABETIZAÇÃO	51
Marilene Pereira da Silva	
8. ALIMENTAÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA CONTRIBUIÇÕES PARA UMA VIDA SAUDÁVEL	57
Monica Nunes	
9. A CONTRIBUIÇÃO DA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE	63
Patrícia Herminio da Silva	
10. AS BRINCADEIRAS EM DIAS DE PANDEMIA	69
Silvana Trindade de Azevedo	
11. AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	77
Solange Alves Gomes Zaghi	
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	81
Tatiane Pavão Oongaro Borges	
13. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	85
Vera Lucia Meneses de Lima Marques	

O AUTISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

LUCICLEIDE PEREIRA DOS SANTOS

RESUMO

Este artigo se propõe a discutir sobre o processo de aprendizagem escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e algumas sugestões para que o professor possa trabalhar melhor e com qualidade com esta criança. Partiu-se do pressuposto de que o educador pouco conhece sobre o assunto e o impacto causado por esta síndrome no processo de aprendizagem. Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento, entre outros. A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas.

Palavras-chave: Autismo, Criança, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O TEA é considerado um transtorno do desenvolvimento e faz parte de um grupo de condições que possuem diferenças qualitativas na comunicação, interação social e a imaginação e consequentemente comportamentais.

A convivência compartilhada da criança com TEA na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, torna-se possível a partir de contatos sociais e favorece não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças.

Proporcionar às crianças com TEA oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social.

Diante de tal situação surge a necessidade do preparo do educador ao receber futuramente esta criança, de modo que possa adaptá-la ao contexto escolar, promovendo sua melhor aprendizagem e encaminhando-a a um psicopedagogo. Esse dará continuidade ao diagnóstico desta criança, o que envolverá todos os profissionais necessários e a família do aluno, para que este possa viver em sociedade e sendo compreendido em suas diferenças.

Através deste trabalho abordaremos as características do TEA, quais os tipos de autismo, suas complicações, tratamentos, diagnósticos precoces, qual a metodologia adotada pelos profissionais da educação quando da sua inserção no contexto escolar, e refletirmos quais as medidas adequadas que sirva como facilitador da convivência do autista na sociedade.

A ESCOLA E A INCLUSÃO

A inclusão é um movimento mundial de luta das pessoas com deficiência e seus familiares na busca dos seus direitos e lugar na sociedade. O termo inclusão já traz implícito a ideia de exclusão, pois só é possível incluir alguém que já foi excluído. Temos que diferenciar a integração da inclusão, na qual na primeira, tudo depende do aluno e ele é que tem que se adaptar buscando alternativas para se integrar, ao passo que na inclusão, o social deverá modificar-se e preparar-se para receber o aluno com deficiência.

O marco histórico da inclusão foi em junho de 1994, com a Declaração da Salamanca Espanha, realizado pela UNESCO na Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, assinado por 92 países, que tem como princípio fundamental: "todos os alunos devem aprender juntos, sempre que possível independente das dificuldades e diferenças que apresentem" (BRASIL, 2008).

Embora os valores expressos por tais documentos sejam louváveis, pesquisas mostram que há muita pouca evidência de sucesso nessa proposta para suportar esta definição de inclusão total para alunos com TEA. As mesmas pesquisas apontam que alguns alunos não conseguem obter sucesso quando as condições não são adaptadas as suas características.

Em 1996 foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que em seu artigo 59 preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades.

Em 2008, foi publicada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que preconiza o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, nas escolas regulares (BRASIL, 2008).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva orienta os sistemas de ensino a garantirem, entre outras coisas: a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a superior; a continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino; a acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários, equipamentos, transportes, comunicação e informação; a participação da família e da comunidade (ASSUNPÇÃO, 1997).

Da mesma forma, a atual Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu artigo 24, inciso V, alínea "a", estabelece, para o caso de aluno portador de deficiência, a "avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais".

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades conhecidas também como superdotação.

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas (BERNARDES, 2003).

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo os alunos com TEA.

CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO

São diversas as características comportamentais que podem ser apresentadas por alunos com TEA, tais como: diferenças de relacionamento, diferenças na fala e linguagem, diferenças no ritmo de desenvolvimento, diferenças da mobilidade e diferença da percepção.

Tanto o relacionamento com pessoas quanto com objetos inanimados pode encontrar-se alterado. Ausência de sorriso social, desinteresse em participar de jogos e brincadeiras, preferência por permanecer isolados, podem se mostrar como alguma das características.

Quando a fala comunicativa se desenvolve, ela é atonal, arritmica, sem inflexão e incapaz de comunicar apropriadamente as emoções. Na verdade, a comunicação como um todo pode se apresentar comprometida: linguagem oral comunicativa, linguagem receptiva, linguagem gestual e expressão facial, além de diferenças no ritmo de desenvolvimento.

O ritmo mais comum é uma descontinuidade na sequência normal do desenvolvimento. Já quanto as alterações na percepção, pode ocorrer falhas na modulação de estímulos com distorções na hierarquia normal, nas preferências dos receptores e uma incapacidade na habilidade de usar estímulos sensoriais para discriminar o que é importante ou não:

Assim, certos estímulos o apavoram, como o barulho do liquidificador, ou rasgar papel, enquanto outros sons, que seriam desagradáveis para crianças normais, como o arranhar da unha em um quadro negro ou em uma lixa, são procurados com insistência (SANTOS, 2008, p. 18 e 19).

Estudos de Goodman e Stephen (2005) apontam que um terço das crianças com TEA que apresentam também atraso mental sofrem crises convulsivas, que começam a se manifestar dos 11 aos 14 anos. A hiperatividade é muito frequente, mas pode desaparecer na adolescência e ser substituída pela inércia.

A irritabilidade pode ser comumente desencadeada pela dificuldade de expressão ou pela interferência nos rituais e rotinas próprias do indivíduo. O indivíduo com TEA também pode desenvolver medos intensos que levam a desenvolver fobias.

Em outros casos, o indivíduo com TEA pode apresentar problemas de comunicação, pois não conseguem entender quando pequenas a real função da linguagem, consequentemente apresentando falhas ao usarem a linguagem para se comunicarem.

Apesar disso conseguem pronunciar algumas palavras, enquanto as que não verbalizam, compreendem algumas palavras faladas pelos outros, porém somente palavras como substantivas e verbos.

Através de observações baseadas nessas características o educador poderá dar o primeiro passo do diagnóstico de um aluno com TEA podendo assim adaptá-lo ao contexto escolar, preparando os colegas para compreendê-lo e trabalhando com ele de forma personalizada para seu melhor desenvolvimento no processo de aprendizagem escolar.

A PSICOLOGIA NA ESCOLA

A construção da nova identidade do psicólogo escolar depende, ainda, de uma compreensão de respeito e afirmação às diferenças, garantindo o desenvolvimento do papel de agente social transformador da realidade nas escolas, principalmente no que se refere às políticas educacionais inclusivas de alunos portadores de necessidades especiais (GOLDBERG, 2002).

A Psicologia não integrou em seus conceitos a realidade social. E é com esta noção que a Psicologia permaneceu nas diretrizes educacionais do País, enfocando o sujeito isolado e deixando ilusas e isentas de culpa as instituições escolares pelo fracasso de seus alunos, e, consequentemente, responsabilizando-os por sua exclusão.

A proposta de inclusão escolar oferece, assim, a possibilidade da revisão das práticas escolares excludentes, que cercam a sociedade historicamente. A reflexão constante da ação e compromisso com a mudança no tratamento da diversidade humana se torna o ponto central da participação da Psicologia nesse debate da inclusão e na busca para uma sociedade democrática.

Ser psicólogo escolar no Brasil é conhecer as necessidades psicológicas de todos os sujeitos envolvidos, independentemente de classes sociais, capacidades físicas ou mentais, em situações de risco ou situações abastadas.

Segundo Gomes e Souza (2008) os desafios dos psicólogos escolares são tão concretos como os problemas que assolam as instituições escolares do País. Há que se superar, assim, a necessidade de uma formação política e ideológica, que dê embasamentos para uma ação profissional crítica e construtora da realidade brasileira, contrapondo-se, efetivamente, a uma política educacional segmentada, massificante e dominadora, que há muito direcionam nossas escolas.

A resignificação da atuação da Psicologia Escolar passa pela apropriação de referenciais teóricos e práticos que reafirmem os processos interativos conscientes e inconscientes, constitutivos dos sujeitos em processo de ensino-aprendizagem, dentro de uma perspectiva dinâmica e sócio-histórica.

Em estudo realizado por Gomes e Souza (2008) a falta de formação especializada, a inexistência de recursos adequados e de apoio técnico constante, assim como a realização de serviços de atendimento paralelo e a redução do número de alunos em sala, foram alguns dos desafios e necessidades apontados pelos professores para justificar o pouco avanço do processo de inclusão.

O processo de inclusão escolar implica mudanças radicais na compreensão dos sujeitos e na estrutura da escola, questionando, inclusive, os mecanismos sutis de exclusão aos quais os alunos parecem predestinados cotidianamente. A responsabilização do êxito ou não da inclusão é direcionado para professores (GOLDBERG et al., 2005).

O que se percebe, no entanto, é que os professores, quando indicam suas dificuldades e necessidades, podem também estar chamando a atenção para a sua condição de isolamento profissional. A democratização da gestão e a educação inclusiva se relacionam diretamente, e uma escola inclusiva

deve ser antes de tudo, uma escola democrática. Por outro lado, o que se vivencia ainda nas instituições escolares são práticas que denotam isolamento dos profissionais, e um distanciamento da compreensão sobre a política inclusiva (SCHWARSTZMAN e ASSUNPÇÃO, 1995).

Assim, de modo geral, diversos estudos sobre a proposta de inclusão escolar parecem alertar para a importância de uma maior atenção na implementação das políticas, enfatizando que a proposta só será efetivada com sucesso quando compreendida como consequência de uma discussão da necessidade de mudança do paradigma educacional vigente.

CONCLUSÃO

Pode-se afirmar através da pesquisa bibliográfica discutido neste artigo, pode-se destacar que existem muitas pessoas de destaque na história que era ou é um autista, tais como: Van Gogh, Bill Gates e muitos outros.

Com este trabalho se verifica que o TEA é um transtorno com sintomas e graus de manifestações extremamente variadas. Independentemente de sua classificação psicogenética ou biológica é notório que a criança com TEA pode apresentar déficits na área social, na linguagem e comunicação, e no comportamento e pensamento.

Hoje em dia se discute a situação da inclusão, principalmente a sua entrada e permanência na escola. E o preparo dos professores para adaptar a criança tem o objetivo de prolongar sua permanência na escola.

A principal é acreditar que ele tem potencial para aprender. Essas crianças necessitando instruções claras e precisas e o programa deve ser essencialmente funcional, ligado diretamente a elas.

É preciso saber que ele enxerga o mundo de uma forma diferente, mas vive no nosso próprio mundo. Foram abordados conteúdos e informações necessárias para que os profissionais da área da educação tenham condições de reconhecer uma criança com TEA e encaminhar aos profissionais responsáveis para diagnosticá-lo.

Como vimos ao longo do que foi abordada no texto, a parceria entre família escola profissional competente é de fundamental importância para o progresso dessa criança.

Para que seja possível tal evolução é preciso que este seja acolhido, aceito e compreendido pelos seus grupos sociais. Quanto à identificação do transtorno que em muitos casos não é iniciada pela família, como já descrito, fica a cargo da escola e em especial de seu educador.

Vale ressaltar que é de suma importância a divulgação de trabalhos como este, abordando conceitos sobre o TEA, uma vez que é indispensável que não somente o educador, mas toda a sociedade tome conhecimento sobre esta anomalia; possibilitando então um melhor acolhimento e compreensão para com o autista.

Vale ressaltar que é de suma importância que todos que tenham alguma ligação com pessoas diagnosticadas com TEA, busquem informações sobre conceitos e características, uma vez que é indispensável que não somente o educador, mas toda a sociedade tome conhecimento sobre este assunto; possibilitando então um melhor acolhimento e compreensão para com a criança com TEA.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, F.; PIMENTEL, A. Autismo Infantil. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2000. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- ASSUNPÇÃO, F.B. Jr. Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Infantil. Lemos Editora e Gráficos Ltda. São Paulo, 1997.
- BERNARDES, J.L.P. Representações sociais sobre o processo de inclusão em escola pública e particular [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade Católica de Brasília; 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.
- GOODMAN, R.; STEPHEN, S. Child Psychiatry. Wiley-Blackwell Scienc, 2005.
- GOMES, C.; SOUZA, V.L.T. de. Educação, psicologia escolar e inclusão: aproximações necessárias. Rev. psicopedag. [online]. 2011, vol.28, n.86, pp. 185-193. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

GOLDBERG, K. A percepção do professor acerca do seu trabalho com crianças portadoras de autismo e síndrome de Down: um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

GOLDBERG, K.; PINHEIRO, L.R.S.; BOSA, C.A. A opção do professor pela área de educação especial e sua visão acerca de um trabalho inclusivo. Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <www.scielo.com.br> Acesso em: 11 abr. 2016.

SANTOS, A.M.T. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SCHWARSTZMAN, J.S.; ASSUNPÇÃO, F.B. Jr. e Colaboradores. Autismo Infantil. Memnon Edições Científicas Ltda. São Paulo, 1995.

SOUZA, J.C. et al. Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil. Psicol. cienc. prof. [online]. 2004, vol.24, n.2, pp. 24-31. Disponível em: <www.scielo.com.br> . Acesso em: 02 abr. 2016.



Lucicleide Pereira dos Santos

Cursando Artes Visuais pela Universidade Italo Brasileiro. Formada em Magistério pelo Colégio Antônio Carlos Magalhães (ACM), BA. Pedagogia plena pela Universidade Bandeirantes de São (Uniban), SP. Pós Graduada em Educação Inclusiva pela Universidade XV de Agosto. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, (PMSP).



ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Eliane Cristina Bulgan Borges
Elisângela Oliveira Silva
Giselda Trindade da Silva
Lucicleide Pereira dos Santos
Luís Venâncio
Manuel Francisco da Silva e
Estanislau de Sá Bartolomeu
Marilene Pereira da Silva
Monica Nunes
Tatiane Pavão Ongaro Borges
Patrícia Herminio da Silva
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Vera Lucia Meneses de Lima Marques



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.34>

Produzida com utilização de softwares livres



LibreOffice®



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

